

A Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac e a Formação de Enfermeiras Católicas no Brasil (1930-1960).

Renata Batista Brotto

Orientador: Prof. Dr. Luiz Otávio Ferreira

Estudar a formação de enfermeiras católicas no Brasil, no período compreendido entre as décadas de 1930 e 1960, é o objetivo da minha tese de doutorado. Especificamente trataremos da educação e profissionalização feminina empreendida pela Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac (EELM) ¹, instituição vinculada a Igreja Católica, criada em 1939. Nossa intenção é analisar como se aliou o preparo técnico-científico aos princípios e valores católicos, sobretudo aqueles relacionados ao papel social da mulher na sociedade moderna. Nossa proposta é aliar o estudo da história institucional da EELM, essencialmente aspectos que interferiram na formação das alunas², ao estudo do perfil sociocultural de suas alunas e das formas de sociabilidade, organização e atuação acadêmico-profissional das enfermeiras católicas em formação.

A motivação para realizar esta pesquisa está relacionada ao interesse, já presente na minha dissertação de mestrado (Brotto, 2009), de investigar as atribuições sociais indicadas às mulheres pela Igreja católica brasileira no contexto da sua “modernização conservadora”, iniciada na década de 1860 (Serbin, 2008). Ao analisar o pensamento católico e médico no Brasil, das décadas de 1860 a 1870, observamos que a valorização da maternidade longe de se reduzir a mais uma forma tradicional de representação feminina possibilitou a projeção da importância das mulheres no espaço público – “masculino”. Naquele momento histórico, a redefinição do papel social da mulher foi percebida, por intelectuais de diferentes orientações, como fundamental para a viabilização da “construção” de uma nova sociedade. Ao final da dissertação, surgia então a inquietação: como a Igreja católica se coloca diante da entrada das mulheres no

¹ Em 24 de março de 1942, data da equiparação, passou a se chamar Escola de Enfermagem Luiza de Marillac e, em 1967, Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac.

² Como exemplo, podemos citar: estatutos, determinações de comportamento dentro e fora do âmbito da escola, instauração de disciplinas além do currículo comum, postura institucional frente à questões de organização do campo da enfermagem, entre outras.

mundo do trabalho no século XX? Dentre os campos de atuação tidos como legítimos às mulheres, no início e em meados do XX, destaco as atividades de professora, enfermeira e assistente social. A partir dessa primeira aproximação elegi a formação de enfermeiras católicas como objeto o qual me permitia relacionar questões, caras aos meus interesses, relativas à Igreja católica, organização do campo científico no Brasil e formação profissional das mulheres³.

Organizado esse primeiro movimento de definição de um campo de estudos passei a levantar os principais trabalhos sobre a História da Enfermagem. Nesse processo, encontramos inúmeros trabalhos relacionados à Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) fato que se deve ao atuante Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), em funcionamento desde a década de 1990 na própria EEAN. Contudo, outra instituição de importância, no contexto da institucionalização da enfermagem no Brasil, foi a EELM primeira instituição de enfermagem católica do Rio de Janeiro e a segunda do Brasil⁴.

O único trabalho acadêmico encontrado sobre a história da EELM é a dissertação de mestrado de Maria Regina Bezerra (2002). Em seu estudo a autora

³ Nesse ponto, sentimos a necessidade de esclarecer a caracterização de nosso trabalho como História das Mulheres e traçar a diferença desse estudo para o de História de Gênero. O termo gênero, cunhado pelas feministas norte-americanas na década de 1970, tornou-se uma categoria analítica para a história e, a partir de então, passou a ser utilizado para teorizar a questão da diferença sexual como determinante para a compreensão das desigualdades entre homens e mulheres. Para fugir do binômio dominante/dominado, e assim buscar outras explicações para as desigualdades históricas entre homens e mulheres, preferimos enveredar pelo caminho História das Mulheres. Na introdução do quinto volume da *História das mulheres no Ocidente*, Michelle Perrot e Georges Duby trataram de precisar que por história das mulheres deveria se entender a história das relações entre os sexos e através dela ser possível entender as expressões das relações sociais de desigualdade capazes de desvendar engrenagens e marcar especificidades de diferentes momentos históricos. Importante destacar que evitar a relação dominante/dominado não implica em esquecer a violência e desigualdade que marcaram a relação entre homens e mulheres, mas sim deixar de ter na perspectiva da “dominação masculina” uma constante capaz de marcar de forma indelével a análise. Seguindo as propostas de Michelle Perrot (Para entender a discussão ver: PERROT, Michelle e DUBY, Georges (orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamentos, 1994, vol1 ao vol5; CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica -nota crítica-*, *Cadernos Pagu* (4) – *fazendo história das mulheres*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995, pp.40-42; SCOTT, Joan. *Debate*. Joan Scott, Louise Tilly e Eleni Varikas. *Debate*. *Cadernos Pagu* (3) – *desacordos, desamores e diferenças*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1994; SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

⁴ A primeira instituição de ensino de Enfermagem católica criada no Brasil foi a Escola de Enfermeiras do hospital São Paulo, em 1938, sendo dirigida pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

descreve o movimento comandado pela Associação São Vicente de Paulo⁵ (ASVP) em favor da criação de uma escola de enfermagem católica e de sua equiparação à EEAN, processo ocorrido entre o período de 1931 a 1942. De acordo com Bezerra, o movimento que resultou na criação da EELM visava manter a presença das Irmãs da Caridade nos serviços de assistência e de administração hospitalar ameaçada pela criação da EEAN e, sobretudo pelo Decreto nº 20.109 de 1931 que regulou o exercício da enfermagem no país. A partir desse decreto - que definiu a EEAN como escola-padrão - somente poderiam exercer a profissão aqueles (as) que tivessem obtido diploma da escola padrão ou em instituição a ela equiparada.

Antes da criação da EELM, a ASVP apoiou a organização da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) instalada, em 1933, nas dependências do Hospital São Vicente de Paulo em Belo Horizonte. A EECC oferecia um ambiente considerado apropriado para a transformação das Irmãs da Caridade em enfermeiras católicas, pois na EECC combinavam-se as práticas religiosas à formação acadêmica profissional.

Segundo Pinheiro (1962), a ASVP mobilizou-se para promover o ingresso das Irmãs da Companhia das Filhas da Caridade no ensino oficial de enfermagem que naquele momento reduzia-se a EEAN e a EECC, esta última de orientação católica⁶. Bezerra (*op.cit*) chama atenção para as dificuldades encontradas pelas Irmãs da Caridade matriculadas na EEAN. Impossibilitadas de realizar práticas católicas imprescindíveis à vida religiosa como: o uso do hábito, os horários rígidos, o silêncio durante as refeições, as penitências, certos exercícios determinados pela comunidade. Segundo ela, esse foi um forte motivo para a desistência de três Irmãs que ingressaram à Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1931⁷.

⁵ A Associação São Vicente de Paulo, estruturada na França no século XVII, por Vicente de Paulo e Luiza de Marillac, compreende a Confraria da Caridade, iniciada em 23 de agosto de 1617, cujas participantes eram as damas da sociedade interessadas em fazer caridade. A Congregação das Missões, criada em 17 de abril de 1625, destinava-se a formação de padres cuja preocupação era os pobres e a Companhia das Filhas da Caridade, criada em 29 de novembro de 1633. O Estatuto que orienta as ações das Irmãs determina como seu principal cuidado o bem servir aos pobres doentes, tratando-os com compaixão e cordialidade (...) convidando-os a receberem os sacramentos. (*Apud* Bezerra, p.1, Charpy, 1993, p.499)

⁶ A EECC foi organizada por Laís Netto, também sua primeira diretora. Enfermeira formada pela EEAN, em 1925, e católica fervorosa defendia a enfermagem como uma “profissão excepcional que tem como ideal o serviço a Deus, à Pátria e à humanidade.” Um dos principais pilares educacionais da EECC era a união da formação moral e intelectual e, principalmente, por isso Laís Netto requereu e conseguiu instalar a EECC nas dependências do Hospital São Vicente de Paulo. (Santos, 2008, p.453)

⁷ Em julho de 1931, foram matriculadas as Irmãs da Caridade Margarida Villac, Eugênia Pinto e

A estrutura organizacional e educacional da EECC possibilitou a Igreja Católica, realizar a primeira sua conquista no campo da educação em enfermagem diplomando, entre 1936 e 1938, as primeiras Irmãs da Caridade – Matilde Nina, Catarina Cândido Fiusa, Eugênia Luna, Filomena Couto e Zoe Junho.

Em 25 de outubro de 1938, o Conselho da Associação São Vicente de Paulo incumbiu a Provincial⁸ Antoinette Clemence Blanchot e a Irmã Matilde Nina de convocarem as Irmãs Catarina Fiusa e Eugênia Luna para trabalharem em prol da organização de uma escola de enfermagem dirigida por religiosas. Em 5 de setembro de 1939, foi criada EELM. A escola funcionava na parte superior do prédio do ambulatório da Medalha Milagrosa, na rua Dr. Satamini, 237 – hoje desativado – e mais tarde transferida para um prédio novo, no número 245 da mesma rua. Quase que concomitante com a diplomação das quatro primeiras enfermeiras religiosas⁹, a EELM foi equiparada à escola padrão, oficializada pelo Decreto nº 9.100/42. A EELM recebia religiosas de várias Congregações, além das Irmãs da Caridade, ex-alunas de colégios religiosos, ou moças encaminhadas por religiosas.¹⁰

A educação teve uma enorme importância no contexto do catolicismo ultramontano, pois a partir dela se fazia a formação integral dos fiéis. O projeto educacional ultramontano envolvia concomitantemente a esfera religiosa e a familiar. Especialmente com relação à educação das mulheres, a Igreja desenvolvia uma ação pedagógica voltada à preparação para a tarefa de agentes propagadoras da religião e da moral católica. A educação das meninas e jovens católicas estava pautada pela tutela estrita da família, sobretudo por meio da orientação materna e da Igreja Católica. Nesse sentido, a educação religiosa e moral das mulheres se constituíam a partir do

Tereza Carvalho. A primeira desistiu do curso em outubro de 1931, a segunda em novembro de 1932 e a terceira em dezembro do mesmo ano.

⁸ Função correspondente a uma superiora geral. Enviada da França, era a responsável pela Província na qual estivesse instalada a Companhia das Filhas de Caridade, sendo a autoridade máxima no Brasil subordinada somente a Superiora Geral instalada na Casa Mãe, localizada em Paris, França. (Bezerra, op.cit, p.79)

⁹ Todas eram Irmãs da Caridade: Mafalda Costalonga, Anita Godinho, Maria Luiza Breyer e Maria Lage.

¹⁰ Na área da saúde, a criação da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo e a Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac representou um marco no início da formação de outras escolas católicas. Tanto que, entre 1937 e 1945, foram criadas treze Escolas de Enfermeiras. Dentre elas: Escola do Hospital São Vicente de Paulo (1943), Escola São Vicente de Paulo (1943), Escola Hugo Werneck (1945) e a Medalha Milagrosa (1945).

desenvolvimento e afirmação de princípios como a honestidade, a virtude, a pureza e a obediência. (Houbre, 2004).

No Brasil desde meados do século XIX, a formação feminina nas instituições católicas dava-se sob duas formas e em dois tipos de instituições: as Escolas Domésticas Católicas eram voltadas às moças órfãs e de famílias pobres. Já as moças de família abastadas eram educadas em Escolas Católicas dirigidas por congregações independentes vindas da Europa ou pelo ramo feminino de certas ordens como os Barnabitas, Salesianos, Beneditinos, Franciscanos¹¹. As escolas religiosas para as moças da elite estavam voltadas à formação da mulher/mãe ideal à administração do espaço doméstico. A criação da EECC e da EELM inaugurou, no Brasil, o funcionamento de escolas católicas dirigidas à formação de mulheres em nível de educação superior. O esforço da Igreja católica, em organizar escolas de enfermeiras, coincide com seu interesse na manutenção do controle sobre certas atividades consideradas estratégicas ou historicamente relacionadas à atividade religiosa, tais como as atividades de educação, cuidado e assistência.

Na década de 1930, a educação surge como o espaço social no qual se percebe as tentativas do Estado e da Igreja Católica de organizar e impor seus modelos pedagógicos com o objetivo de propagar seus respectivos projetos de nação. Foi também em torno da educação que se configurou a reaproximação entre o Estado e a Igreja no período republicano. Um dos fatos que denota essa reaproximação foi a promulgação do Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, que introduziu o ensino religioso nos cursos primário, secundário e normal¹².

A Igreja Católica, representada na figura institucional do Cardeal D. Leme e do intelectual laico de Amoroso Lima, tinha seu projeto nacional imiscuído à proposta internacional da reforma católica. A renovação católica apontava como principal tarefa “reespiritualizar a cultura” dando cientificidade à fé e à ação da Igreja (*ibidem*, p.74). Com esse propósito criou-se o Centro Dom Vital, a Revista A Ordem, a Ação Católica, todos na década de 1920. Segundo Tânia Salem (1982, p.97), toda essa organização é

¹¹ Irmãs do *Sacré Cœur de Jésus*, do colégio do mesmo nome no Rio; as Cônegas de Santo Agostinho, do colégio *Des Oiseaux* em São Paulo; as religiosas do colégio *Sacré Cœur de Marie*; as Escravas do Divino Coração, do *Colégio São Marcelo* no Rio.

¹² O artigo 3º do Decreto nº 19.941 previa a existência de um grupo de pelo menos vinte alunos dispostos a receber ensino religioso. De acordo com o 2º artigo do mesmo Decreto, competia aos pais ou tutores dos alunos a requisição, no ato da matrícula, da dispensa dessas aulas.

parte do movimento de “reação católica” que vinha se estruturando desde o período de “modernização institucional” da Igreja Católica, nas décadas de 1860 e 70, mas ganhou maior articulação a partir da carta pastoral de D. Leme – em 1916. Nesse documento, D. Leme enfatiza a necessidade de “recristianizar” a sociedade e considerou que, para isso, seria fundamental a aproximação entre a elite intelectual laica e a hierarquia eclesiástica. Esse momento marcou o claro interesse de empreender, em caráter particular, iniciativas relevantes no campo da educação superior (*ibidem*, p.98)¹³.

Indo adiante com o projeto de organizar seu próprio “templo” de ensino superior, a Igreja Católica fundou, em 24 de maio de 1932, o Instituto Católico de Altos Estudos – o primeiro germe da Universidade Católica. O instituto congregou os cursos superiores de filosofia, história da filosofia, economia, sociologia, pedagogia, literatura e linguagem. A criação do instituto aconteceu no âmbito de um encontro organizado por Alceu Amoroso Lima, e contou, dentre outros participantes, com as seguintes autoridades: o Cardeal Sebastião Leme, representante da Igreja que presidiu o evento; Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde, representante do Estado; e o professor Fernando Magalhães, representando a Universidade do Brasil, como reitor da instituição.

Sob a administração de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e da Saúde Pública (1934-1945) a aliança entre a Igreja e o Estado, por meio da educação, se tornou ainda mais nítida. De acordo com Schwartzman (*ibidem*), Capanema assumiu a pasta como parte do acordo estabelecido entre a Igreja e o regime de Vargas. O Ministro era visto como homem de confiança da Igreja e encarregado de levar à diante o seu projeto educacional e pedagógico, “tal como era expresso através de seu representante leigo mais autorizado, Alceu Amoroso Lima” (p.65).

Capanema teve Alceu Amoroso Lima como o seu principal conselheiro. Contudo, a Igreja católica reconhecia a necessidade de empreender ações capazes de sustentá-la no poder, para além da Era Vargas. Para tanto, a formação de uma elite católica capaz de consolidar a difusão das idéias religiosas era imperiosa. Nesse

¹³ A princípio, a ação voltava-se ao combate à infiltração comunistas nas faculdades e, para isso, foi criada a Associação dos Universitários Católicos (1929) que, em 1935, se converteu na Juventude Universitária Católica. Tânia Salem aponta que essa primeira organização não pode ser apontada como um germe da Universidade Católica, mas como uma primeira tentativa da Igreja em cooptar as futuras elites dirigentes da nação, representadas pelos jovens universitários (*ibidem*, p.121).

período, a educação era um “espaço institucional que permitia articular a doutrina a prática” (*ibidem*, p.74).

O debate sobre a criação de uma faculdade católica surge com força durante o 1º Congresso Católico de Educação, promovido pela Coligação Católica Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro em 1934. O relatório final da comissão especial destinada à discussão do assunto apontou para a urgente necessidade de criar uma universidade subordinada à Santa Sé e ao episcopado brasileiro. O projeto foi comunicado a Roma e, em 1938, D. Leme foi investido por Pio XI, de um mandato especial, para resolver as questões relativas à futura universidade. Três anos depois, em 1941, ocorreu a solenidade de abertura dos cursos das Faculdades Católicas. Pelo Decreto nº 8.681, de 15 de março de 1946, as Faculdades Católicas foram elevadas à categoria de universidade, dando nascimento à primeira universidade particular do Brasil.

As consequências institucionais e acadêmicas da incorporação da EELM à PUC, ocorrida em 1953, serão questões que pretendemos estudar. Procuraremos investigar a articulação entre o projeto universitário católico, a institucionalização da saúde pública e a organização do ensino universitário empreendida pelo Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP).

Para entender mais sobre a historiografia e a história da enfermagem seguiremos apontando os principais autores, trabalhos e questões sobre a temática. A trajetória histórica da enfermagem brasileira tem sido estudada por Ieda Barreira. Em seus trabalhos (1998 e 1999), a autora considera os estudos históricos como fundamentais para a construção da memória coletiva da profissão e aponta como sendo seu principal objetivo evidenciar as implicações do conhecimento histórico para a formação profissional em enfermagem¹⁴. Neste universo, destaca que, além da formação da identidade profissional, a história da enfermagem também é fundamental para a análise da condição feminina no mundo do trabalho.

Barreira (*ibidem*) esclarece que os estudos sobre a história da enfermagem brasileira foram iniciados, na década de 1960, por Gleite de Alcântara. Na década de 1980, surgiram os primeiros estudos acadêmicos que reafirmaram a importância da perspectiva histórica para a compreensão da formação profissional da enfermagem. A

¹⁴ Barreira esclarece que suas reflexões são oriundas das experiências do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira da Escola Anna Nery.

autora enfatiza a importância da criação de núcleos de pesquisa, nas escolas de enfermagem, como fator decisivo para o incremento da produção científica e para a sua difusão. Dentre esses núcleos, destacam-se o Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (Nuphebras) e o Museu da Escola de Enfermagem da USP.

Barreira (1998) aponta para a concentração das pesquisas em temas recorrentes como: a influência do cristianismo e das guerras no desenvolvimento da enfermagem; os desdobramentos no campo da enfermagem de alianças e conflitos entre a Igreja e o Estado; o surgimento da enfermagem moderna na Inglaterra, sua difusão nos EUA e os nexos entre a enfermagem americana e a enfermagem brasileira. Mais recentemente, a autora aponta para importância de temas relacionados às formas de institucionalização da enfermagem moderna no Brasil, ao papel das políticas públicas de saúde nesse processo, ao desenvolvimento da tecnologia e das formas de organização do trabalho e à trajetória das escolas de enfermagem no contexto de secularização e de cientificização.

A respeito da estruturação da saúde pública e a Escola de Enfermagem Anna Nery começamos resgatando aspectos da política sanitária da década de 1920. De acordo com Gilberto Hochman e Cristina Fonseca (1999), o projeto de sanear o Brasil foi gestado na década de 1910, mas somente na década seguinte, em 1920, foram arquitetadas as políticas de saúde pública, institucionalizadas a partir de 1930. Dessa forma, apontam a saúde pública como uma questão importante que permaneceu na agenda política do Estado, configurando-se em um traço importante de continuidade política. Para os autores, a criação do MESP, em 1931, não alterou as diretrizes das políticas de saúde pública. As maiores transformações viriam somente com a gestão de Gustavo Capanema, que empreendeu uma grande reforma administrativa no ministério. Os autores enfatizam a combinação da centralização das ações de saúde pública com a possibilidade de autonomia dos estados em combater às endemias rurais, ou seja, “a cominação da histórica agenda dos sanitaristas e das características da política estado-novista” (*op.cit*, p.83-84).

Tratando especificamente do ensino da saúde pública no Brasil, Luiz Antonio Castro Santos e Lina Faria (2006) ressaltam o projeto institucional de especialização em saúde pública e a sua articulação com a Fundação Rockefeller. A formação de sanitaristas¹⁵ e a institucionalização de um modelo de atuação “higienista-educacional”

¹⁵ No Rio de Janeiro, este processo esteve relacionado às trajetórias pessoais de Carlos Chagas,

se tornaria fundamental para a política de saúde no país. Para Santos e Faria, esse modelo foi marcado pela influência dos programas de saúde da Fundação Rockefeller.¹⁶

A criação da EEAN está inserida nesse contexto de institucionalização da saúde pública, no qual se destaca a parceria entre os dirigentes da International Health Board (IHB), da Fundação Rockefeller e o Departamento Nacional de Saúde Pública - sob a direção de Carlos Chagas.¹⁷ O IHB enviou ao Brasil a enfermeira Ethel Parsons¹⁸, com o objetivo de avaliar a situação da enfermagem e instituir o ensino da enfermagem de saúde pública. Parsons apontou para a necessidade urgente de criação de instituições para o treinamento de enfermeiras. Dois anos após as primeiras avaliações, em 1923, inaugurava-se a Escola de Enfermagem do DNSP que, em 1926, passou a ser denominada Escola de Enfermagem Anna Nery a princípio dirigida por profissionais de origem norte-americana.

Conforme apontam Santos e Faria (*ibidem*), a formação de enfermeiras de saúde pública visava o surgimento de profissionais com forte identidade de grupo e independência técnica, com ênfase no trabalho comunitário e na atuação nos centros de saúde e nos postos de higiene. As enfermeiras de saúde pública deveriam propagar a cultura da higiene por meio de ações educativas, combinando conhecimento científico e assistência social.

Para a composição das primeiras turmas da EEAN, foi priorizado o recrutamento de moças de famílias tradicionais¹⁹. Para Santos e Faria (*ibidem*), essa foi uma preocupação de Carlos Chagas e dos dirigentes brasileiros por acreditarem que “a profissão só teria condições de legitimar-se se contasse com membros das

Afrânio Peixoto, João de Barros Barreto e José Paranhos Fontenelle.

¹⁶ A parceria entre os especialistas em saúde da Rockefeller e os profissionais brasileiros aprofundou-se durante a gestão de Carlos Chagas no DNSP (1920-26) e permaneceu sólida ao longo do governo Vargas, conforme apontam os autores.

¹⁷ À frente do movimento, Carlos Chagas foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Higiene (1923) um espaço para debates e discussões em âmbito nacional. Diversas discussões levaram à criação, em 1926, do Curso Especial de Higiene e Saúde Pública com o objetivo de preparar médicos para o exercício da profissão sanitária. Em 1926, o curso foi anexado à cadeira de higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

¹⁸ Enfermeira Chefe da Divisão de Higiene infantil e Enfermagem de Saúde Pública do Estado do Texas.

¹⁹ Cita como exemplo: Iracema dos Guarany's Mello, Sylvia Arcoverde de Albuquerque Maranhão, Maria Julieta Calmon Villas-Boas, Yolanda Sanson, Alaíde Duffles Teixeira Lott (Santos e Faria, *op cit*, p.145).

elites”(p.132). Os autores também destacam a ênfase dada aos valores cristãos presente no primeiro documento elaborado por Chagas e Parsons. Fato interpretado como uma alternativa para contornar quaisquer desconfianças com relação ao protestantismo norte-americano.

Bárbara Fallante e Ieda Barreira (1998) estudaram a atuação das primeiras enfermeiras de saúde pública e visitadoras, nas décadas de 1920 e 30. Consideradas “mensageiras da saúde” tinham como principais funções: inspecionar as casas, o número de cômodos e pessoas, a ventilação, o isolamento, as condições de saneamento, o cuidado necessário com a alimentação das crianças e o perigo das moscas e mosquitos. Também os “males da alma”, ficavam sob a alçada dessas profissionais com a responsabilidade de transmitir atenção, carinho, esperança, simpatia e bondade.

A atividade profissional significava para essas mulheres o ingresso legítimo na vida pública e a expectativa de emancipação econômica e de realização pessoal. Como é possível acompanhar através do trabalho de Lorena Ligeiro e Suely Baptista (1999), as dificuldades da profissão começavam ainda durante o curso de enfermagem. Ao analisar as fichas das alunas matriculadas na EEAN, entre os anos de 1930-38, um total de 376 fichas, as pesquisadoras destacaram 150 dessas pertencentes às alunas que abandonaram o curso. O objetivo das autoras foi discutir as circunstâncias que levaram a essa exclusão.

A análise desse trabalho é particularmente interessante por fornecer uma metodologia de análise que pretendemos utilizar em nossa pesquisa. Em primeiro lugar, as autoras apontam que a opção pelo curso de enfermagem estava relacionada às seguintes motivações: “vocação, desejo de praticar a caridade e servir a pátria, independência financeira e ‘aptidões femininas’ relacionadas à prática da enfermagem”. Já o abandono do curso estava relacionado quase sempre ao rigor da disciplina, ao extenso currículo, a carga horária de serviços diários, além da opção pelo casamento ou a necessidade de cuidar de parentes doentes.

As autoras confrontaram os argumentos das alunas com as avaliações de desempenho das mesmas nos estágio e nas aulas utilizando, para isso, o histórico escolar e os relatórios anuais das diretoras. Essa estratégia possibilitou traçar um perfil mais completo das alunas e das motivações para o abandono do curso de enfermagem na EEAN. No período de 1930 a 1938, o percentual de alunas diplomadas e daquelas

que deixaram o curso é equivalente. Para nós, é interessante destacar que a grande maioria das alunas que abandonaram o curso declarava-se católicas, eram muito jovens (com menos de 20 anos) e oriundas das regiões sudeste e nordeste do país.

As autoras apontam que o fato das enfermeiras norte-americanas professarem a religião protestante não se configurou em um grande problema para a convivência com a maioria das alunas, declaradamente católicas. Contudo, especulam a possibilidade das alunas e/ou suas famílias terem criado resistência ao modelo de ensino voltado à autonomia profissional e individual das mulheres.

Especificamente sobre o modelo católico e leigo de ensino e escola da enfermagem seguiremos com leituras específicas. Segundo Bezerra (*ibidem*), o início da enfermagem católica no Brasil coincide com a chegada das primeiras doze Irmãs da Companhia das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, em 1848. Esse primeiro grupo se instalou na Santa Casa da Misericórdia de Mariana, Minas Gerais.

A autora destaca a interferência direta do imperador D. Pedro II que estimulou a atuação da Companhia das Filhas de Caridade. No contexto das epidemias de febre amarela e de cólera, na década de 1850, o imperador solicitou a Companhia que autorizasse a vinda de cerca de trinta irmãs para trabalharem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. As Irmãs da Caridade chegaram à capital imperial em 1852, e no final do século XIX, já eram responsáveis pelo serviço de assistência e pela administração do Hospital da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital da Guarnição da Corte²⁰. Por intermédio das Irmãs de Caridade, a Igreja Católica passou a ter reconhecido o seu papel no controle e na administração dos espaços hospitalares no país. O trabalho das Irmãs de Caridade não representou apenas uma maneira de prestação de assistência aos enfermos, mas também uma estratégia de implantação da aprendizagem do cuidado pautada nos códigos morais da Igreja católica.

A criação da EEAN, sob os moldes de ensino americano, iniciou o processo de mudança do panorama institucional e dos valores da enfermagem brasileira. Consoante com a ética protestante, ou seja, orientada para uma conduta metódica racional, os novos padrões de atividade profissional estavam sendo introduzidos pelo modelo de

²⁰ Instalado no ex-colégio dos jesuítas, em 22 de janeiro de 1769, recebeu a denominação de Hospital Real Militar e Ultramar; em 25 de novembro de 1844, passou a chamar-se Hospital Militar da Corte. Atualmente, chama-se Hospital Central do Exército.

ensino que preconizava as enfermeiras como profissionais, instruídas e bem remuneradas, bastante diferente do modelo difundido pelas Irmãs da Caridade.

Bezerra explica que à época da chegada das enfermeiras norte-americanas ao Brasil, a sociedade reconhecia a legitimidade das Irmãs da Caridade nas ações de cuidar e as consideravam como símbolo da assistência caridosa aos enfermos. A atuação das americanas representou o desarranjo das representações femininas tradicionais.

Apesar de incentivar a formação leiga das enfermeiras e instituir a necessidade do diploma de nível superior para o exercício profissional, o Estado – principalmente no período Vargas – aceitou convivência com o modelo católico de ensino da enfermagem²¹. O tom devocional e nacionalista que permeava a organização da enfermagem foi reforçado pela colaboração entre Igreja católica e Estado no governo Vargas. Ademais, a união das qualidades religiosas agregada à imagem da enfermeira e a vinculação entre patriotismo e enfermagem enaltecem a participação feminina no espaço público.

Mesmo com a proximidade e aceitação do modelo católico de enfermagem surgiram, na década de 1940, duas associações católicas com o objetivo de assegurar os interesses específicos das enfermeiras religiosas, eram elas: a União das Religiosas Enfermeiras do Brasil (UREB) e a União Católica de Enfermeiras do Brasil (UCEB). Essas entidades foram estudadas por Tatiana Gomes, Antônio Filho e Suely Baptista (2005).

A UREB, criada em 1944, contava com um núcleo em São Paulo e outro no Rio de Janeiro²². A União tinha como objetivo estabelecer estratégias para melhor inserção das religiosas no campo da educação em enfermagem, segundo os autores essa meta foi alcançada com a afirmação das escolas de enfermagem de nível superior e com o sucesso da organização dos cursos de auxiliares de enfermagem vinculados às instituições católicas²³. Em seu primeiro estatuto, a UERB previa a criação de um centro

²¹ Mesmo seguindo a Escola padrão – EEAN- as escolas católicas como a Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac imprimiam sua marca de religiosidade e caridade, quer nas disciplinas de religião e ética, nos direcionamentos dos assuntos internos e no rigor disciplinar impostos pelas diretoras religiosas.

²² A UREB foi organizada pelas ex-alunas da Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo por iniciativa da Madre Marie Domeneuc. Possivelmente as alunas e/ou professoras da Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac participavam, pois era no Rio de Janeiro equivalente àquela de São Paulo.

²³ Dos 45 cursos, criados ao longo da década de 1950, 18 estavam vinculados a instituições católicas.

de estudos de questões médico sociais de interesse para o apostolado, um organismo de assistência médica voltado às religiosas doentes e uma Escola Superior ligada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e de São Paulo para o aperfeiçoamento das enfermeiras titulares.

Em 1948, a partir da UREB foi criada a UCEB²⁴ simbolizando a união entre as enfermeiras católicas leigas e as religiosas. Assim, caberia a essa organização “desenvolver, proteger e encorajar a vida espiritual, profissional, cultural e social das enfermeiras católicas”(ibidem, p.363). De acordo com os autores, essa organização brasileira foi fruto de um movimento internacional²⁵ que pretendia:

Preservar os interesses católicos no campo da enfermagem através da manutenção da unidade das enfermeiras católicas na profissão, preservar a prática dos ideais cristãos e retidão na vida pública. Unindo esses atributos, a enfermeira estaria apta a exercer uma influência profunda na difusão, na defesa e na aplicação dos princípios católicos. (ibidem, p. 364)

Até meados de 1954, a UREB prosseguia com suas atividades. No ano seguinte, fundiu-se ao Departamento de Saúde da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)²⁶. Em 1956, a UCEB encerrou as suas atividades. Mesmo com o término das associações, as enfermeiras católicas mais engajadas continuaram a atuar na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

Fontes e Metodologia:

Para desenvolver este anteprojeto de doutorado nos esforçamos em ter acesso ao acervo da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac. Atualmente a documentação está sob responsabilidade da Sociedade Beneficente São Camilo que passou a administrar EELM, após seu desmembrado da PUC, em 1980²⁷.

²⁴ A UCEB contava com seções em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Juiz de Fora.

²⁵ As diretrizes para esses movimentos associativos vieram do Comitê Internacional Católico de Enfermeiras e Assistentes Médicos Sócios (CICIAMS), criado em 1926, em Roma.

²⁶ A Conferência dos Religiosos/as do Brasil foi fundada, no dia 11 de fevereiro de 1954, com o primeiro objetivo de animar a vida consagrada no Brasil, promovendo a comunhão entre os membros dos diversos institutos religiosos, sociedades de vida apostólica e as novas formas de vida consagrada.

²⁷ Como a instituição não é arquivística e nem tampouco está acostumada a receber pesquisadores precisei solicitar e marcar dias para pesquisar no setor de arquivo da instituição, além disso, a maior parte do acervo está somente identificada (não organizada) e não existem instrumentos de pesquisa.

Realizamos um levantamento preliminar dos documentos relacionados às candidatas, alunas e ex-alunas. As fontes primárias encontradas são de naturezas diversas: Dossiês das alunas (contendo a ficha de admissão, histórico escolar de estudos anteriores, processo de transferência de outras instituições de ensino de enfermagem; histórico escolar do curso de enfermagem, avaliação de campo de estágios, relação de hospitais e carga horária dos estágios, certificados de aprovação e médias nas disciplinas), Atas das reuniões do Diretório Acadêmico Tiradentes, Atas das reuniões da Associação das ex-alunas da EELM e fotografias. Foram destacados, inicialmente cerca de trezentos documentos. Ao longo do ano de 2010, primeiro ano do doutorado, retornamos ao arquivo da instituição e com o consentimento da diretora demos continuidade a pesquisa e finalização do levantamento de fontes primárias²⁸.

Até o momento já analisamos 183 dossiês de alunas que freqüentaram a EELM, entre 1939 a 1967²⁹. Nesse universo, 58 alunas eram religiosas e 125 alunas eram católicas leigas. De posse desses dados, já podemos afirmar que houve a ampliação do grupo de mulheres recrutado para a escola, quadro esse inicialmente restrito as religiosas. O projeto institucional parece ter ganho contornos bem mais ambiciosos ao recrutar moças de todo o Brasil dispostas a atuar nas fileiras da Igreja católica no campo da assistência a saúde.

A partir das fichas de admissão podemos ter acesso às informações como: nome da aluna, data de nascimento, naturalidade, endereço, nome e ocupação do pai e da mãe e atividades anteriores, informações que dão pistas sobre sua origem social. A partir da profissão do pai e da mãe (em alguns casos das próprias candidatas), poderemos estudar o perfil social do corpo discente, o crescimento da importância da formação superior para as famílias e a transformação geracional através da comparação entre as atividades das mães e àquelas escolhidas pelas filhas. A origem geográfica das alunas será um item interessante a ser analisado já que percebemos que cerca de 80% das alunas eram

²⁸ Recebi autorização para fotografar os documentos os quais julgava pertinente ao meu objeto, pois simultaneamente à pesquisa auxiliei a instituição a identificar os documentos. Além disso, o recurso de fotografar os documentos foi essencial, já que a instituição de ensino não disponibiliza de sala de consulta ao arquivo e minha longa permanência iria dificultar a rotina de trabalho da mesma. A lista atualizada dos documentos selecionados está ao final do trabalho.

²⁹ As últimas fichas têm datas de 1967, pois são daquelas que se formaram em 1970, data do nosso corte cronológico. Ao todo deverão ser analisadas 342 fichas – número referente ao total de alunas inscritas e diplomadas no período.

oriundas dos estados do norte e nordeste do país (Ceará, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Pará e Maranhão), com destaque para a baixa representatividade do Rio de Janeiro.

As informações sobre a trajetória escolar (níveis primário, secundário ou até mesmo superior) assim como o modo de recrutamento poderão ser examinadas a partir do questionário inserido nas fichas de admissão (ver Anexo 1) e de outras informações que constam da documentação escolar. Na ficha de admissão, solicitava-se às candidatas respostas às seguintes questões: nomes das instituições escolares aonde obtiveram a formação primária e secundária, certidão de aprovação nos exames de admissão e/ou vestibular (em caso de transferência de outra instituição de ensino superior); informações sobre reprovações anteriores nos cursos primários e/ou secundários; declaração sobre facilidades e/ou dificuldades com relação a determinadas áreas de conhecimento; exposição dos motivos para ingresso na Escola³⁰; auto-avaliação sobre a capacidade intelectual; aptidão para os estudos teóricos; aplicação aos estudos, iniciativa, capacidade de trabalho e noção de responsabilidade³¹.

Considerando a importância da visualização da ficha, para a apreensão dos dados, segue abaixo sua reprodução fiel:

- * Ficha de Inscrição (foto 3x4)
- * Nome do parente ou responsável
- * Endereço telefone

Estudos	Nomes das escolas	Data de entrada	Data de saída	Diploma e certificado	Média
Curso primário					
Curso secundário					
Exames ginasiais					

- * Naturalidade/Idade/Dia/Mês/Ano
- * Nome do pai (vivo ou falecido)
- * Ocupação do pai
- * Nome da mãe (viva ou falecida)
- * Ocupação da mãe

³⁰ Nesse caso, pede-se que sublinhe uma das opções: por vocação, por saber que terá bons vencimentos depois e por que o curso é mais econômico. Mas, a partir de 1953, com a mudança das fichas (creio por que a Escola passa a ser integrada a PUC) as candidatas podem escrever livremente, em forma dissertativa, o motivo pelo qual optaram pela carreira.

³¹ Existe um item solicitando às candidatas a encaminhem uma carta, juntamente com a ficha, tratando de suas preferências nos estudos, experiências de vida e opção de carreiras. Contudo, ainda não localizamos essas cartas ou elas podem ter sido perdidas.

Ocupações anteriores	Tempo de permanência no emprego	Nome do chefe ou patrão

- * Promete obedecer o regulamento da escola, sendo aceita?
 - * Está disposta a retirar-se se for verificado que o seu temperamento e sua instrução não coadunam com a profissão?
 - * Tem responsabilidades de família? Quais?
- (As alunas da Escola não podem interromper o curso para cuidar de pessoas da família a não ser em casos excepcionais)
- * Dispõe de meios pecuniários que garantam suas despesas durante o curso?
 - * Foi reprovada no curso primário ou secundário?
 - * Quais foram as matérias que mais lhe agradaram nesses cursos?
 - * Quais foram as matérias que lhe pareceram mais difíceis nesses cursos?
 - * Obteve alguma distinção ou prêmio?
 - * Sublinhe, das questões abaixo, aquelas que se relacionam com o seu ponto de vista:
 - * Por que deseja entrar nessa escola; por sentir vocação, por saber que terá bons vencimentos depois, por que o curso é o mais econômico.
 - * Afim de que possamos auxiliá-la a se desenvolver, assinale com uma + no quadro abaixo, sua concepção sobre sua capacidade pessoal, na linha correspondente a cada característica.

Características	Fraca	Média	Alta	Superior
Capacidade intelectual				
Qualidade de estudos teóricos				
Aplicação aos estudos				
Iniciativa				
Domínio próprio				
Noção de responsabilidade				
Capacidade de trabalho				
Saúde				

- * Concordam seus parentes ou responsáveis com a sua entrada nesta escola?
- * Foi obrigada a faltar muito em cursos anteriores, por motivo de doença? Quantas vezes? Por quais causas?

Características Pessoais

- * Saúde Defeitos físicos Peso Altura
- * Vacina Antitífica Data Anti-variolica Data
- * Não tendo sido vacinada, deverá sê-lo antes de ser admitida na escola
- * Estado civil

sociabilidade do corpo discente. Da mesma forma que no caso do diretório acadêmico, as atas da Associação de ex-alunas servirão para investigar a atuação profissional das egressas e o seu engajamento em núcleos associativos católicos como a UCEB (posteriormente ABED) e na ABEn.

Outra fonte importante são as fotografias dispostas em álbuns organizados pela direção da EELM. Até o momento encontramos 57 fotos que remetem ao cotidiano das alunas. Registram as alunas nos estágios ou nas aulas, em momentos de recreação, no refeitório, durante as conversas e reuniões em frente à televisão e em atividades religiosas como missas e horário de orações.

Além da documentação relacionada diretamente as alunas da EELM examinamos também as Atas de reunião da Congregação dos Professores, pois a partir dessas poderemos ter informações importantes sobre o funcionamento da instituição além das referências sobre dificuldades de alunas, organização de programas de atividades, problemas disciplinares, articulação para aquisição de bolsas de estudos, problemas econômicos e o impacto na vida e na formação das alunas.

As características da documentação, localizada no arquivo da Faculdade São Camilo, (herdeira da EELM) nos permitem propor uma análise que combine métodos quantitativos e qualitativos. Nesse sentido, pretendemos seguir o método da *prosopografia* ou *biografia coletiva*³⁴, método que utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica e busca revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico. As biografias coletivas ajudam a elaborar perfis sociais de determinados grupos sociais, categorias profissionais ou coletividades históricas, dando destaque aos mecanismos coletivos de recrutamento, seleção e reprodução social. (Heinz, 2006, p.9).

Desse modo, nos aproximamos da experiência individual e da diversidade das trajetórias sociais pelo acesso a uma documentação farta e serial. Poderemos estudar a coletividade formada pelas alunas da EELM atentando para os mecanismos histórico-sociológicos de sua formação social e acadêmica.

³³ Organização da participação do III Congresso de Hospitais, II Congresso Latino Americano do CICIAMS, IV Assembléia da Associação Brasileira de escolas Superiores Católicas.

³⁴ Ao longo do doutorado avaliaremos melhor a importância e a utilização do método para a análise de nossas fontes e questões.

Graças a uma farta documentação, temos condições de nos aproximarmos do cotidiano e da vida pessoal, acadêmica e profissional das alunas da EELM. Temos meios de saber como ingressaram na Escola, como expressavam o interesse em estudar enfermagem, a sociabilidade entre as alunas e ex-alunas, a relação com os professores, as leituras e discussões, a implicação da formação do campo da enfermagem sobre a formação das alunas, a relação entre as práticas/ princípios católicos e o preparo técnico-científico. Nesse tópico nosso principal objetivo é começar a pensar de que forma posso operacionalizar o método micro-analítico³⁵ em nosso objeto de estudo.

Estas mulheres comuns parecem muito próximas de outras que, no mesmo período, buscavam a enfermagem como forma de buscar realizações pessoais, autonomia, sustento. Mas, ao mesmo tempo, as alunas de enfermagem da EELM se distinguem devido aos cuidados singulares com sua formação e o projeto político institucional que envolvia a promoção de enfermeiras católicas. Assim, essa investigação deverá nos levar a compreender como nas ações sociais individuais eram percebidas e sentidas questões como: o projeto educacional/nacional da Igreja Católica, a importância e engajamento político/ideológico dos intelectuais católicos, o espaço do pensamento científico na renovação católica, o desenvolvimento e os conflitos gerados pela conformação do campo da enfermagem³⁶.

Em nossa pesquisa iremos resgatar o espaço das experiências individuais das alunas da EELM, no tocante ao entendimento da cultura escolar, católica e profissional, buscando analisar como questões relacionadas à profissionalização, política educacional, problemas sanitários e de saúde pública são debatidas entre alunas, professoras e diretoras – buscar as nuances da interdependência entre a comunidade e o mundo externo. A micro-história italiana com seu paradigma nos inspirou, sobretudo por causa da sua renovação dos métodos da pesquisa social³⁷. Por meio dessa

³⁵ LEVI, Giovanni. *Sobre à micro-história*. In: BURKE, Peter (org). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992. GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: BURKE, Peter (org). *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo, Companhia das letras, 1990. REVEL, Jacques. *Apresentação e Micro-análise e construção do social*. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³⁶ No próximo semestre, 2011.2, iremos fazer o levantamento de outras possíveis fontes como na Escola de Enfermagem Anna Nery, jornais de grande circulação no período, revistas católicas, entre outras.

³⁷ Para literalmente submergir na micro-história e aprender o “ofício”, estamos lendo a obra *A Herança Imaterial* de Giovanni Levi no qual deixa bastante claro a inexistência da micro-história sem o jogo de escalas, sem o contexto; a simples redução da escala não leva a parte nenhuma.

metodologia, procuramos apresentar e interpretar como funciona a sociedade na sua base e, através desses dados, formular perguntas e respostas capazes de serem comparáveis em outros contextos.

A observação em escala reduzida, principal método de análise da micro-história, será fundamental para compreensão do cotidiano das alunas da EELM e para traçar a sociabilidade dos atores. Dentro da perspectiva da micro-história é possível pensar na proximidade da antropologia e sociologia para realizar uma análise onde seja possível perceber os múltiplos papéis sociais, individuais e, sobretudo, a cultura das enfermeiras católicas. Revelar os impasses, conflitos, incertezas os quais faziam parte da trajetória das alunas e também do projeto da igreja católica e, dessa forma, conferir maior espaço aos fracassos, caminhos bem sucedidos, resistências. Neste ponto então, trabalhar utilizando a idéia de “contextualização múltipla” e a construção do texto a partir de uma relação dialógica entre o texto e o leitor.

Lista de fontes e Indicação Bibliográfica:

Fontes primárias:

- Atas de Reunião da Congregação dos Professores e outras (1940-70);
- Atas da Diretoria (1942-1970);
- Ata de Reunião da Associação de ex-alunas (1947-1970);
- Ata do Diretório Acadêmico Tiradentes (1947-1963)
- Livro de Registro das Alunas Diplomados (1942-1970);
- Livreto de comemoração dos 50 anos da EELM - 1989, produzido por Escolástica Barbosa aluna diplomada em 1950;
- Dossiê das alunas 1939-1967 (contendo a ficha de admissão, histórico escolar de estudos anteriores, processo de transferência de outras instituições de ensino de enfermagem; histórico escolar do curso de enfermagem, avaliação de campo de estágios, relação de hospitais e carga horária dos estágios, certificados de aprovação e médias nas disciplinas);
- Diversas cartas (grande parte da década de 1950-1960) de moças de várias partes do Brasil solicitando informações sobre o estatuto da escola, exames vestibulares, formas

de ingresso na escola. Em algumas cartas fica explícito os motivos pela escolha da enfermagem como profissão e da EELM como instituição de ensino, cartas de religiosos (freiras e padres) tratando sobre alunas que gostaria de enviar à escola;

- Ofícios enviados à Diretoria da EELM pelo Diretório Acadêmico Tiradentes tratando de reivindicações das alunas;

- Ofícios da Diretoria à diversas instituições pedindo bolsas de estudos às alunas. Existem pedidos à Fundação Rockefeller, Fundação Kellog, CAPES, entre outras;

- Relatório das atividades docentes da EELM (1955-1958, 1967);

- Documentos recebidos e documentos enviados (1958-1966) – contendo recibo de auxílio financeiro de diversas instituições, concessões de bolsas de estudos, colocação de alunas nos campos de estágio, livros recebidos para composição da biblioteca, levantamento anual dos gastos e previsão de gastos futuros, entre outros

- Fotos – cerca de 200 fotos retratando atividades na Escola, hospitais, solenidades de formatura, celebração religiosa, participação em Congressos, lazer dentro e fora do espaço da Escola.

- Termo de Contrato entre a EELM e a PUC, de 1952;

- Inspeção e parecer da Comissão da Faculdade Ana Nery sobre a EELM;

- Estatística dos diplomas e certificados expedidos pela Escola (1942-1969);

- Fichas de professores (1940-1969);

- Estatuto da escola de 1966;

- Regimento e código de ética de 1939.

Fontes secundárias:

ALMEIDA, M.C.P.; BARREIRA, Ieda Alencar. *Mestrados e doutorados em enfermagem*. In: CHOMPRÉ, R.R. et al. (orgs). *Educação de enfermagem na América Latina*. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG/Fundação Kellogg, 1998.

AZZI, Riolando. O início as restauração católica no Brasil (1920-1930). Rio de Janeiro: Síntese, v.10, p.3-167, maio/ago 1977.

BARREIRA, Ieda de Alencar. *Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil*. Rev. Latino-Am. Enfermagem., vol.7, n.3, pp. 87-93, 1999.

_____ e BAPTISTA, Suely de Souza. A reconfiguração do campo da enfermagem durante o Estado Novo (1937-1945). Brasília: Rev. Bras. Enferm., vol.55, n.2, p. 205-216, 2002.

_____ e FALLANTE, Bárabara de Souza Côrtes. *Significados da visita domiciliar realizada pelas enfermeiras de saúde pública nas décadas de 20 e 30*. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery. Rev. Enferm, v.2, n.3, dez./ 1998.

_____ e ROCHA, Luana Bezerra da. *A Enfermagem e a condição feminina: figuras-tipo de mulheres no Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery. Rev. Enferm, v.6, n.2, ago./ 2002.

BEZERRA, Maria Luiza. *A Enfermagem e a Aliança da Igreja com o Estado: Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac*. Dissertação (em História da Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

BROTTO, Renata Batista. *Médicos e Padres: Maternidade e representações dos papéis sociais da mulher (1860-1870)*. Dissertação (em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/COC, Rio de Janeiro, 2009.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales. A Revolução Francesa da historiografia*. (org). São Paulo, Unesp, 1990.

CHARLE, Christopher. *A Prosopografia ou Biografia Coletiva: balanço e perspectivas*. In: HEINZ, Flávio M. (org). *Por outra História das Elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica -nota crítica-, Cadernos Pagu (4) – fazendo história das mulheres*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995, pp.40-42;

FARIA, Lina. Educadoras Sanitárias e Enfermeiras de Saúde Pública: identidades profissionais em construção. São Paulo: Cadernos Pagu, p. 173-212, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: _____. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo, Companhia das letras, 1990.

GOMES, Tatiana de Oliveira; ALMEIDA FILHO, Antônio José de e BAPTISTA, Suely de Souza. *Enfermeiras-religiosas na luta por espaço no campo da enfermagem*. Brasília: Rev. Bras. Enferm., vol.58, n.3, p. 355-360, 2005.

GOMES, Tatiana de Oliveira; SILVA, Bruna Rocha da; BAPTISTA, Suely de Souza e ALMEIDA FILHO, Antonio José de. *Enfermeiras católicas em busca de melhores*

posições no campo da educação e da prática em enfermagem nos anos 40 e 50 no Brasil, no século XX. Rio de Janeiro: Texto contexto – Enferm., vol.14, n.4, p. 506-512, 2005.

HOCHMAN, Gilberto e FONSECA, Cristina M. O. *O que há de novo? Políticas de saúde Pública e Previdência, 1937-1945*. In: PANDOLFI, Dulce (org). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

HOUBRE, Gabrielle. *Demoiselles Católicas e Misses Protestantes: dois modelos antagônicos de educação no século XIX*. Santa Catarina: Revista Esboços, vol 11, 2004.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (org). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992.

LIGEIRO, Lorena Raeli e BAPTISTA, Suely de Souza. *A exclusão de alunas de enfermagem da Escola Anna Nery (1930-1938)*. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery. Rev. Enferm, v.3, n.1, abr./ 1999.

MARQUES, Rita de Cássia. *A Filantropia científica nos tempos da romanização: a Fundação Rockefeller em Minas Gerais (1916-1928)*. Bragança Paulista: Horizontes, v.22, nº2, p.175-189, jul/dez 2004.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A reação de Minas ao Manifesto dos pioneiros da educação nova. In: XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.271-300.

PERROT, Michelle. *Sair*. In: PERROT, Michelle e DUBY, Georges (orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamentos, 1994, vol4.

_____ e DUBY, Georges (orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamentos, 1994, vol5.

PESAVENTO, Sandra. *Essa história que chamam de micro*. In: C.A.B. GUAZZELLI; S.R.F. PETERSEN; B.B. SCHMIDT e R.C.L. XAVIER (org.), *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p. 209-234.

REVEL, Jacques. *Apresentação e Micro-análise e construção do social*. In: _____. *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Nair Regina Ritter. *As Visitadoras Sanitárias do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: R. Gaúcha Enferm., p.7-11, 1988.

RIZOTTO, Maria Lucia frizon. História da Enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiânia: AB, 1999.

SALEM, Tânia. *Do Centro Dom Vital à Universidade Católica*. In: SCHWARTZMAN, Simon (org). *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília, CNPq, 1982.

SANTOS, Geralda Fortina dos. *Escola de Enfermagem Carlos Chagas (1933-1950) : a Deus, pela humanidade, para o Brasil / Geralda Fortina dos Santos*. Belo Horizonte : Faculdade de Educação da UFMG, 2006. Tese de doutorado

SANTOS, Geralda Fortina dos. *O internato da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Formação e socialização da mulher-enfermeira (1933-1950)*. In: VAGO, Tarcísio Mauro e OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de (orgs). *Histórias de práticas educativas*. Belo Horizonte, UFMG, 2008.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro e FARIA, Lina. *A cooperação internacional e a enfermagem de saúde pública no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Bragança Paulista: Horizontes, v.22, nº2, p.123-150, jul/dez 2004.

_____. *O Ensino de Saúde Pública no Brasil: os primeiros tempos no Rio de Janeiro*. São Paulo: Ver. Trabalho, educação e saúde, v.4, nº 2, p. 291-324, 2006.

SANTOS, Tânia, TOMAS, Magdalena Santo, FONTE, Aline S. da *et al*. *Modelos de enfermeiras nas ditaduras de VARGAS e de FRANCO: femininas, caridosas e patrióticas*. *Ex aequo*, 2008, nº.18, p.135-145. Pesquisa on line [29/out/2009]

SCHWARTZMAN, Simon. *Um Espaço para a Ciência: A Formação da Comunidade Científica no Brasil*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, Centros de Estudos Estratégicos, 2001.

_____. e BOEMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCOTT, Joan. *Debate*. Joan Scott, Louise Tilly e Eleni Varikas. *Debate. Cadernos Pagu (3) – desacordos, desamores e diferenças*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1994

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social – Uma história da Igreja Católica no Brasil*. Trad: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ANEXO 1

Réplica da ficha de admissão (modelo do ano de 1939 a 1952)

Escola de Enfermeiras “Luiza de Marillac”

- * Ficha de Inscrição (foto 3x4)
- * Nome do parente ou responsável
- * Endereço telefone

Estudos	Nomes das escolas	Data de entrada	Data de saída	Diploma e certificado	Média
Curso primário					
Curso secundário					
Exames ginasiais					

- * Naturalidade/Idade/Dia/Mês/Ano
- * Nome do pai (vivo ou falecido)
- * Ocupação do pai
- * Nome da mãe (viva ou falecida)
- * Ocupação da mãe

Ocupações anteriores	Tempo de permanência no emprego	Nome do chefe ou patrão

- * Promete obedecer o regulamento da escola, sendo aceita?

- * Está disposta a retirar-se se for verificado que o seu temperamento e sua instrução não coadunam com a profissão?
 - * Tem responsabilidades de família? Quais?
- (As alunas da Escola não podem interromper o curso para cuidar de pessoas da família a não ser em casos excepcionais)
- * Dispõe de meios pecuniários que garantam suas despesas durante o curso?
 - * Foi reprovada no curso primário ou secundário?
 - * Quais foram as matérias que mais lhe agradaram nesses cursos?
 - * Quais foram as matérias que lhe pareceram mais difíceis nesses cursos?
 - * Obteve alguma distinção ou prêmio?
 - * Sublinhe, das questões abaixo, aquelas que se relacionam com o seu ponto de vista:
 - * Por que deseja entrar nessa escola; por sentir vocação, por saber que terá bons vencimentos depois, por que o curso é o mais econômico.
 - * Afim de que possamos auxiliá-la a se desenvolver, assinale com uma + no quadro abaixo, sua concepção sobre sua capacidade pessoal, na linha correspondente a cada característica.

Características	Fraca	Média	Alta	Superior
Capacidade intelectual				
Qualidade de estudos teóricos				
Aplicação aos estudos				
Iniciativa				
Domínio próprio				
Noção de responsabilidade				
Capacidade de trabalho				
Saúde				

- * Concordam seus parentes ou responsáveis com a sua entrada nesta escola?
- * Foi obrigada a faltar muito em cursos anteriores, por motivo de doença? Quantas vezes? Por quais causas?

Características Pessoais

- * Saúde
- * Defeitos físicos
- * Peso
- * Altura
- * Vacina Antitífica
- * Data
- * Anti-varíolica
- * Data
- * Não tendo sido vacinada, deverá sê-lo antes de ser admitida na escola
- * Estado civil
- * Precisam seus pais da sua assistência?
- * Nacionalidade
- * Naturalidade
- * Religião
- * Teve preparo anterior ou prática da enfermagem? Onde? Quanto tempo?
- * Cite nomes, com endereço por extenso, mencionando os bairros de três pessoas conhecidas que possam dar referências sobre sua pessoa.
- * Remeter juntamente com esta ficha, uma carta:
- 1 – Relatando suas preferências nos estudos;

2 – Sobre as experiências de vida que tenham influenciado no desenvolvimento de sua carreira;

3 – Sobre os fatos que influenciaram sua entrada na escola.

Data Assinatura

Observação: após o ano de 1952, é criado um campo dentro da própria ficha onde as alunas escrevem por extenso o motivo pela escolha da enfermagem como profissão.

ANEXO 2

CURSO DE ENFERMAGEM

5 meses – Curso pré-clínico

7 meses – 1º ano

12 meses- 2º ano

12 meses – 3º ano

Carga horária e objetivo sucinto de cada disciplina.

CURSO PRELIMINAR

Arte de enfermagem

Ajustamento profissional

História da enfermagem

Histologia

Anatomia

Fisiologia

Física

Fisioterapia

Microbiologia

Química biológica

PRIMEIRO ANO

Higiene mental

Psicologia

Introdução à ciência médica

Farmacologia

Nutrição e arte culinária

Princípios de higiene e saúde pública

Patologia médica

Exame prático de patologia médica (enfermagem)

Endocrinologia

Dietoterapia

Patologia cirúrgica

Exame prático de patologia cirúrgica (enfermagem)

Técnica de sala de operação

Ginecologia
Cultura religiosa
Princípios católicos
SEGUNDO ANO

Obstetrícia e higiene pré-natal
Exame prático de obstetrícia (enfermagem)
Puericultura
Pediatria
Exame prático de pediatria (enfermagem)
Doenças transmissíveis
Exame prático de doenças transmissíveis
Tuberculose
Dermatologia veneriologia e lepra
Psiquiatria
Exame prático de psiquiatria
Oftalmologia
Exame prático de oftalmologia
Otorinolaringologia
Exame prático de otorinolaringologia
Enfermagem adiantada
Medicina Pastoral
TERCEIRO ANO

Organização e administração hospitalar
Deontologia
Sociologia
Estatística
Exame prático de saúde pública
Higiene e saúde pública
Enfermagem monografia
Socorros de urgência de guerra
Exame prático de socorro de urgência
Pedagogia